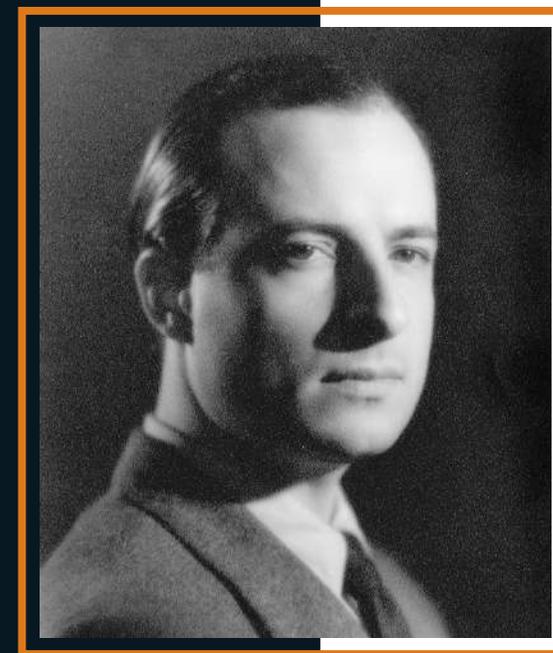




# Olavo D'Eça Leal

1908 – 1976

ESCRITOR



# Olavo D'Eça Leal

ESCRITOR

1908 – 1976

Foi escritor e desenhador, pintor, jornalista, homem de cinema e de teatro. Popularizou-se pela sua actividade no teatro radiofónico. Prestamos hoje a nossa homenagem a esta personagem de múltiplos talentos artísticos.

A Vereadora,



Ana Sofia Bettencourt



Olavo Correia Leite D' Eça Leal, nasceu em Lisboa, no dia 31 de Julho de 1908, no seio de uma família culta e de elevado nível financeiro, filho da dramaturga e poetisa Flávia Correia Leite D'Eça Leal e do poeta Thomaz D'Eça Leal.



I Salão dos Independentes (1930). Da esquerda para a direita: Abel Manta, Menezes Ferreira, Ruy Gameiro, Arlindo Vicente, Luís Cristino da Silva, António Pedro, Carlos Botelho, Diogo de Macedo, José Tagarro, Ofélia Marques, Bernardo Marques, Jorge Barradas, António Duarte, Luís Teixeira, Olavo D'Eça Leal, Luís Reis Santos e Carlos Queiroz.

A sua infância e adolescência foram passadas em bons colégios, nomeadamente no Colégio Militar. Todavia, onde obteve sólidos conhecimentos dos autores clássicos franceses foi na École Pascal, em Paris, onde fez os últimos anos de estudo.

De espírito ágil, brilhante e talentoso, Olavo D'Eça Leal, aos 18 anos, viu-se rodeado de amigos intelectualmente fascinantes o que lhe proporcionou um ambiente benéfico para se dedicar à pintura, à escrita, aos poemas e assim, viver intensamente à moda dos anos 20, do século passado.

Trabalhou como desenhador no Atelier de Desenhos Animados de André Vigneau e, depois da passagem por diversos países da Europa e pelo Brasil, fixou-se em Portugal.

Aqui escreveu poemas, artigos, contos e desenhos que publicou nas revistas "Seara Nova", "Acção", "Panorama", "Contemporânea", "Atlântico" e também na "Presença", esta fundada e editada por Branquinho da Fonseca.<sup>(1)</sup>

Nela colaboraram Adolfo Coelho da Rocha (aliás, Miguel Torga) Edmundo de Bettencourt e José Régio. O primeiro número sai a 10 de Março de 1927 e a partir do n.º 33 a revista passa a contar com Adolfo Cascais Monteiro na direcção, até Novembro de 1938.<sup>(2)</sup>

Era na revista "Presença" que se divulgavam as principais obras e escritores europeus da 1.ª metade do século XX, como por exemplo, Marcel Proust, Paul Valéry e Pirandello. Ela defendia a criação de uma literatura mais viva, livre, primando pelo espírito crítico não só dos seus fundadores,

<sup>(1)</sup> Este abandonará a direcção da revista no seu n.º 27, em 1930.

<sup>(2)</sup> No ano seguinte a revista muda para o formato maior e com mais páginas, mas publicam-se apenas 2 números (Novembro de 1939 e Fevereiro de 1940).

como também de Albano Nogueira e Guilherme de Castilho e ainda dos colaboradores doutrinários, José Bacelar, Delfim Santos, Saúl Dias, Francisco Bugalho e António Botto.

São também figuras tutelares a salientar, personalidades como Fernando Pessoa e Afonso Duarte, contando ainda com a colaboração de Olavo D'Eça Leal, António de Sousa, Irene Lisboa (com alguns poemas já em prosa), Vitorino Nemésio e Pedro Homem de Mello, todos eles se destacando sobretudo na poesia.

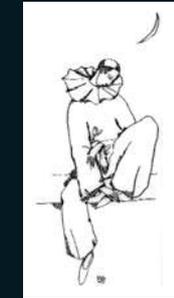
As páginas da Presença serviram também para promoção – à margem de iniciativas oficiais – e intercâmbio literário com vários poetas e prosadores brasileiros.

De entre muitos poemas publicados por Olavo D'Eça Leal na "Presença", destacamos o de Abril de 1938, intitulado "Lindo Enterro":

*Há-de vir gente para ver o efeito  
Que fará o meu lírico sol-posto...  
Mas os poetas são iguais no rosto  
E não há rimas num perfil desfeito.*

*Hão-de encontrar, deitado no meu leito,  
De casaca, ridículo e composto,  
Um cavalheiro que até faça gosto,  
Com a medalha, póstuma, no peito.  
Há-de falar um orador astuto  
Sobre o meu corpo, onde as ingénuas flores  
Tentem, em vão, 'sconder o ar corrupto.*

*Eis tudo quanto levo, meus senhores  
Quando deixar, um dia, o mundo bruto  
Que só canta, na morte, os seus cantores.*



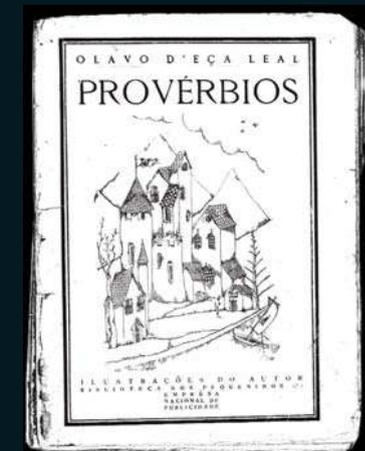
Ilustrações do conto "A fortuna protege os audaciosos"

No decorrer do ano de 1928, Olavo D'Eça Leal, publicou um livro de contos infantis, com ilustrações suas e intitulado "Provérbios".

Publicou artigos, contos, desenhos, fez crítica de cinema, foi redactor e a sua produção passou a surgir assiduamente em revistas como "Imagem" e a "Kino", publicações exclusivamente dedicadas à 7.ª Arte, ambas dirigidas por António Lopes Ribeiro, contando com Félix Ribeiro como chefe de redacção. Esta revista, surgida em pleno advento do cinema sonoro, nas suas páginas muito se lutou por ele (de 1.5.1930 e 30.4.1931 foram publicados 53 números).

Entre outros, colaboraram nesta publicação, o poeta Carlos Queiroz, Artur Portela, José Gomes Ferreira, Bernardo Marques, Norberto Lopes, Fred Kradolfer e Cottinelli Telmo, este último que viria a realizar o 1.º filme sonoro português totalmente rodado no nosso País e, foi ainda, onde Domingos Mascarenhas se estreou como crítico.

Também foi, em 1931, pelas mãos de Olavo D'Eça Leal e Leitão de Barros, que o talentoso jovem Baltazar Ortega, passou a repórter gráfico do Diário Ilustrado, proporcionando-lhe educação escolar geral e também a frequência de aulas na Sociedade de Belas Artes, o que muito contribuiu para o aperfeiçoamento do traço deste caricaturista que se pode apreciar até hoje.





Leitão de Barros, Olavo D'Eça Leal e Maurice Lacombe

Entre pinturas, desenhos e poemas, Olavo D'Eça Leal, mantinha a sua actividade boémia : eram tempos do Maxime, do Arcádia e do Retiro da Severa.

Entretanto casou e, deste casamento nasceu um menino, a quem pôe o nome de Paulo-Guilherme. Constituída que estava a família, em 1933, decidiu emigrar para o Brasil, acabando por ir viver numa herdade em Itapetininga, pertença dos seus primos. Aqui fez cartazes de publicidade, montou um gabinete de análises grafológicas, deu lições de desenho a jovens do estado de S. Paulo, mas sem muito êxito.

E assim, um ano mais tarde, resolveu voltar para Portugal, teve conhecimento da existência de uma vaga para locutor na Emissora Nacional de Radiodifusão e sendo detentor de uma "voz saudável, educada, levemente snob e de impecável dicção",<sup>(9)</sup> concorreu e conseguiu o lugar.

A Rádio nos anos quarenta era uma companhia e uma fonte de entretenimento que se instalou nos lares de todos os portugueses.

Pedro Moutinho foi um dos protagonistas desse tempo, onde se evocam, entre outros, Olavo D'Eça Leal, Jorge Alves, Fernando Pessa, Artur Agostinho, Mary, Maria de Rezende e, o que eles diziam, era notícia, era conselho, era consolo e poesia.



Ilustrações do conto "Quem não quiser ser lobo não lhe vista a pele"

<sup>(9)</sup> In Biografia cedida por Paulo-Guilherme.

Foi através da Rádio que se popularizaram nomes de realizadores de programas, como Olavo D'Eça Leal, Adolfo Simões Muller, Francisco Mata, Aníbal Nazaré e de locutores como Fernando Pessa, João da Câmara ou ainda Maria Leonor.

Paralelamente continuou a escrever e em 1939 ganhou o prémio Maria Amália Vaz de Carvalho de literatura infantil, com o livro "*Iratán e Iracema, Os Meninos Mais Malcriados do Mundo*", com ilustrações de Paulo Ferreira e publicado pela Livraria Portuguesa.

Trata-se de um livro com uma escrita cativante, feita numa narração original que induz o leitor a desejar ser como Iratan e Iracema, ou seja, um menino malcriado – "*Iratán e Iracema prepararam a sua malinha com os livros e a merenda, esqueceram-se de se despedir dos pais, e saíram. Em principio iam para a escola mas, no fundo, não sabiam bem se iam para a escola*" e, *no primeiro desvio que encontraram, "desviaram-se sem hesitar"*.<sup>(4)</sup> E a partir daqui tudo pode acontecer, nesta estranha viagem dos dois irmãos mal comportados – ou, por outro prisma, duas crianças com humor num mundo onde ele não existe.

Nesta viagem os irmãos avistam torres tenebrosas, atravessam a zona da incompreensão e encontram fantasmas e bruxas, cidades de silêncio e palácios de ferro e ainda faquires, lobos, cães de três cabeças e vendedores de memórias.

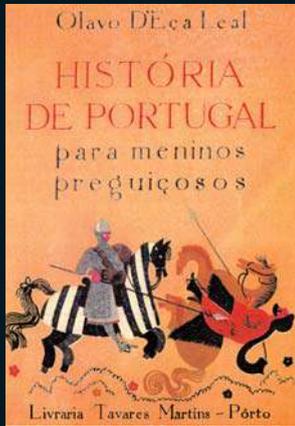
Este livro, "*Iratán e Iracema, Os Meninos Mais Malcriados do Mundo*", foi argumento de um filme com o mesmo nome, realizado em 1987 pelo seu filho Paulo-Guilherme.

Numa entrevista feita à escritora Natércia Rocha, em 8 de Janeiro de 2003, à pergunta se haveria algum livro que desejasse ter escrito, ela respondeu "*Iratán e Iracema, os Meninos Mais Malcriados do Mundo* de Olavo D'Eça Leal, mas é difícil assumir os livros dos outros porque não saíram das nossas tripas".<sup>(5)</sup>

<sup>(4)</sup> In "*Iratán e Iracema, Os Meninos Mais Malcriados do Mundo*".

<sup>(5)</sup> In Discurso Directo – Na tua Escola" – Associação de Professores de Português, publicado em 18/1/2003.





Em 1940, Olavo publicou um livro de novelas, intitulado "*Fim de Semana*" e 3 anos depois, em 1943, ganhou novamente o prémio Maria Amália Vaz de Carvalho, mas desta vez com a "*História de Portugal para Meninos Preguiçosos*", com ilustração de Manuel Lapa.

Olavo D'Eça Leal editou ainda "*Falar por Falar*", (1943), "*A Voz da Rádio*" (1944) e "*Nem Tudo Se Perde no Ar*", (1945), diálogos radiofónicos, escritos e interpretados por si, para o programa "*Diálogos de Domingo*", que fizeram época na Emissora Nacional.

Entretanto, na década de cinquenta, sai da Emissora Nacional e parte para novas aventuras. Foi trabalhar noutras rádios, entre as quais no Rádio Clube Português, onde surgiram vários programas de grande sucesso, entre os quais, "*Quer um conselho...*" ou "*Diga-me o que lhe aconteceu*", este programa, tal como o seu nome indica, metia-se na vida das pessoas, aconselhava, elogiava e reprendia, resolvendo por vezes muitas situações delicadas e, em 1959, Olavo D'Eça Leal já tinha escrito mais de 800 diálogos radiofónicos.

Olavo D'Eça Leal publicou mais alguma literatura, como o romance "*Processo Arquivado*", (1948), na Editora Ibérica, com o qual ganhou o prémio Fialho de Almeida, e em 1958 um romance intitulado "*Conceituado Comerciante*", na Editora Gomes e Rodrigues, com ilustrações e capa do seu filho Paulo-Guilherme.

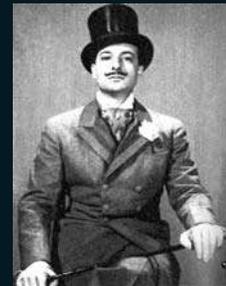
Nesse mesmo ano fundou "*O Século de Domingo*" e em 1959 escreveu um extenso poema ao qual deu o nome de "*A Rapariga do Snack-Bar*".

Além da poesia, da pintura, do romance e da literatura infantil, também o teatro o seduziu.

A sua primeira peça, o acto em verso "*Noite de Natal*", estreou-se no Teatro do Ginásio no começo dos anos 30 do século passado, ao que se seguiram as peças num acto "*A Casa Encantada*" e "*A Rosa Vermelha*"

ou ainda, "*Um Homem de Génio*" e "*Noite de Paz*", de recorte pirandelliano, das quais apenas a última foi apresentada (mas só em 1960) na Televisão.

Representadas foram "*A Taça de Ouro*" (1953) no Teatro Nacional de D. Maria II e a "tragi-farsa" – "*O Amor, o Dinheiro e a Morte*", (1960), no Teatro Trindade e em ambas se contestam padrões de vida burgueses, mas sem se atingir as raízes da sociedade que os impõe e mantém.<sup>(6)</sup>



Olavo D'Eça Leal e Maria Gonzalo em "*Sonho de Amor*" (1945)

Como actor, entrou, em três ou quatro filmes, entre os quais "*Ladrão Precisa-se*" e "*Sonho de Amor*" (1945), de Carlos Porfírio, com actrizes como Reina Baumberg, Maria Eduarda Gonzalo e Bárbara Virgínia.

Participou também como assistente de realização nos filmes portugueses "*Severa*" de Leitão de Barros e "*Revolução de Maio*", de António Lopes Ribeiro (com argumento conjunto com António Ferro).<sup>(7)</sup>

Por outro lado, enquanto escrevia inúmeras crónicas nos jornais "*Diário de Notícias*", "*Século*", "*Diário Popular*" e "*Diário de Lisboa*", fazia também algumas exposições de pintura e filmes de publicidade.

Dada a sua grande facilidade inventiva e dialogal manifestada em centenas de curtas peças radiofónicas, também acabou por fazer algumas séries de programas para a Rádio Televisão Portuguesa, de que é exemplo o "*Programa dos Inventores*".



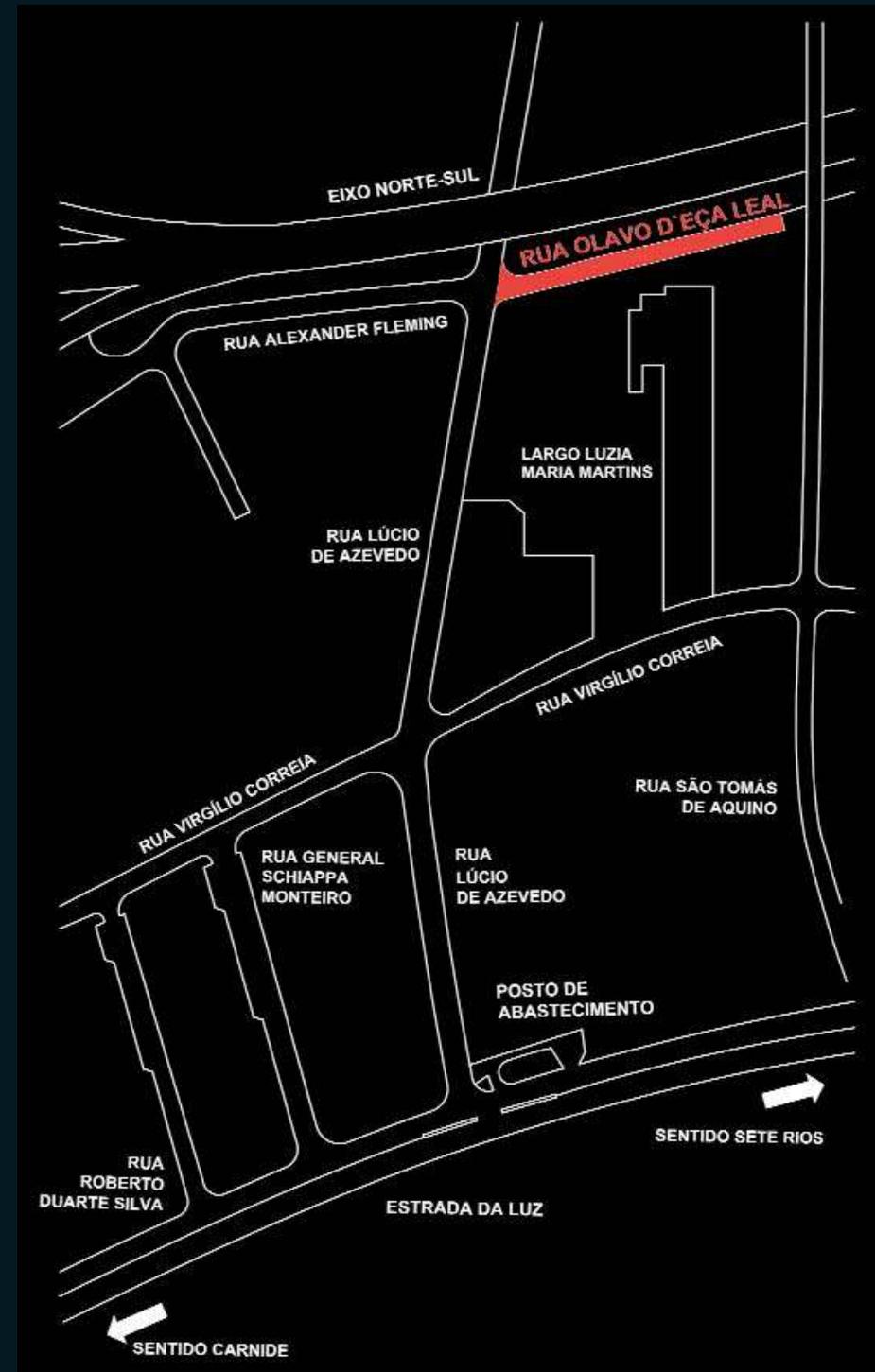
"Quatro Raparigas do Fato de Banho", desenho a tinta da China e aguarela s/papel, assinado e datado de 1937

<sup>(6)</sup> In "Cem anos de Teatro" de Luís Francisco Rebello.

<sup>(7)</sup> António Ferro dirigia o SNI – Secretariado Nacional de Informação.

A sua morte ocorrida em 17 de Setembro de 1976, em Strafford-On-Haven, na Inglaterra, é a perda do escritor e publicista que repartiu a sua actividade por campos tão diferentes como o romance e a novela, o teatro e o diálogo radiofónico, a poesia e as artes plásticas, contribuindo assim para o enriquecimento da cultura portuguesa.

A Câmara Municipal de Lisboa presta homenagem ao escritor Olavo D'Eça Leal, ao atribuir o seu nome a um arruamento de Lisboa, situado na freguesia de São Domingos de Benfica.



## Bibliografia

Biografia cedida pelo filho Paulo-Guilherme D'Eça Leal

Leal, Olavo D'Eça, *Iratan e Iracema – Os Meninos Mais Malcriados do Mundo*, Lisboa: Livraria Portugália, 1943

“Discurso Directo – Na tua Escola”, in *Associação de Professores de Português*, publicado em 18/1/2003 – [www.app.pt](http://www.app.pt)

*Grande Livro dos Portugueses*, Lisboa: Circulo dos Leitores, 1990

*Cem anos de Teatro* de Luís Francisco Rebello

**FICHA TÉCNICA**

**EDIÇÃO**

Câmara Municipal de Lisboa  
Comissão Municipal de Toponímia

**TÍTULO**

Olavo D'Eça Leal

**TEXTOS**

Isménia Neves

**COORDENAÇÃO**

António Trindade

**DESIGN GRÁFICO**

Paula Albuquerque

**COLABORAÇÃO GRÁFICA**

Albino Teresa

**PLANTA DE LOCALIZAÇÃO**

Fernando Gomes

**TIRAGEM**

2000 ex.

**ANO**

2004

**DEPÓSITO LEGAL**

N.º 210005/04

**EXECUÇÃO GRÁFICA**

